

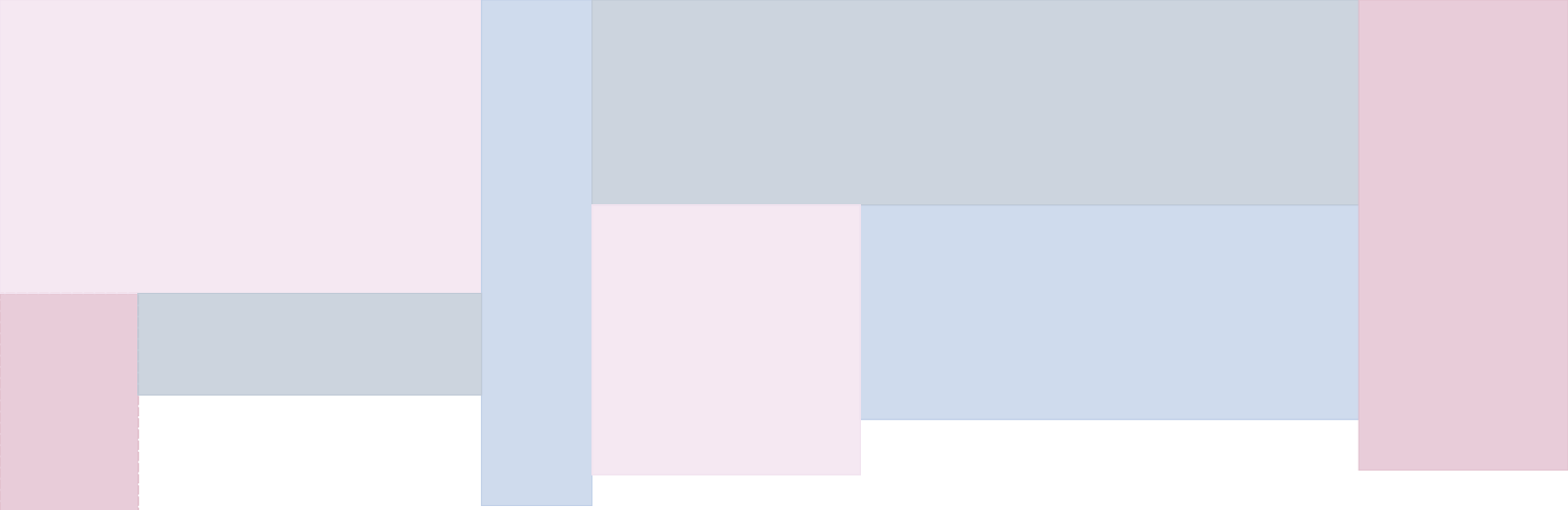
Acesso da População LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) Moradora de Favelas aos Serviços de Saúde



Conexão G
Grupo LGBT nas favelas



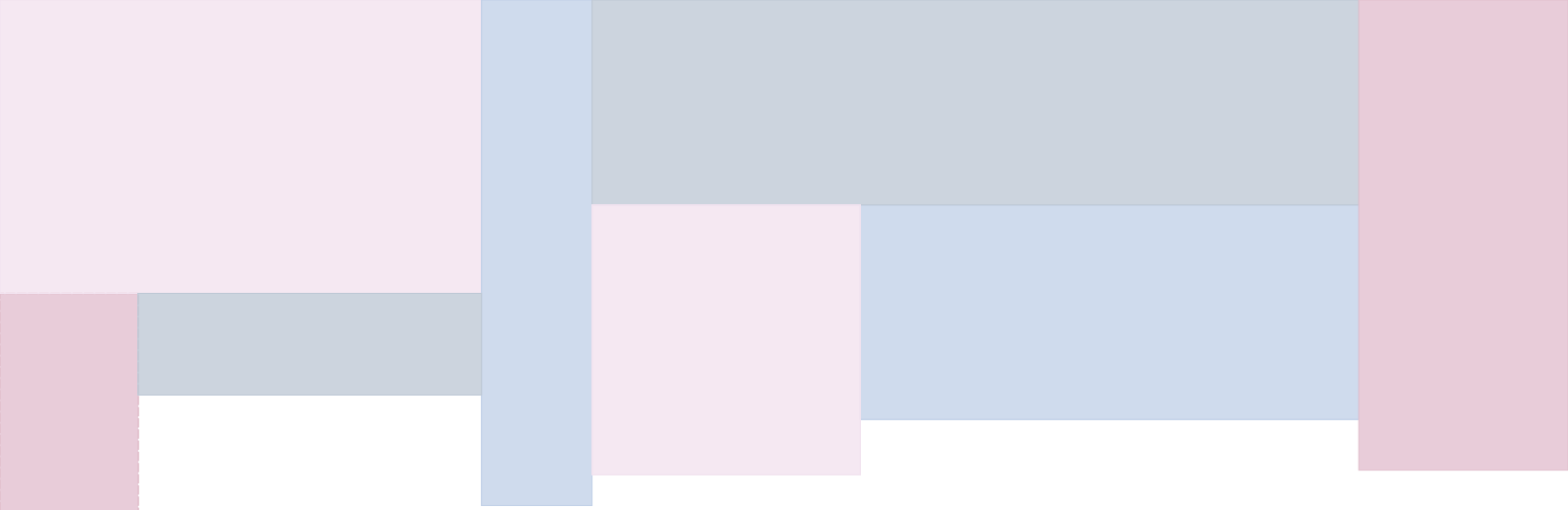
PROMUNDO



Acesso da População LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) Moradora de Favelas aos Serviços de Saúde

Danielle Bittencourt, Vanessa Fonseca e Márcio Segundo

**Instituto Promundo
Rio de Janeiro, outubro de 2013**



Relatório do Projeto Acesso da população LGBT moradora de favelas aos serviços de saúde

Projeto realizado em parceria com Grupo Conexão G
Maré, Rio de Janeiro

Elaboração do relatório: Danielle Bittencourt, Vanessa Fonseca e
Márcio Segundo

Contatos:

Danielle Bittencourt (Promundo) – d.lopes@promundo.org.br

Vanessa Fonseca (Promundo) – v.fonseca@promundo.org.br

Márcio Segundo (Promundo) – m.segundo@promundo.org.br

Gilmar da Cunha (Conexão G) – gilmarconexaog@gmail.com

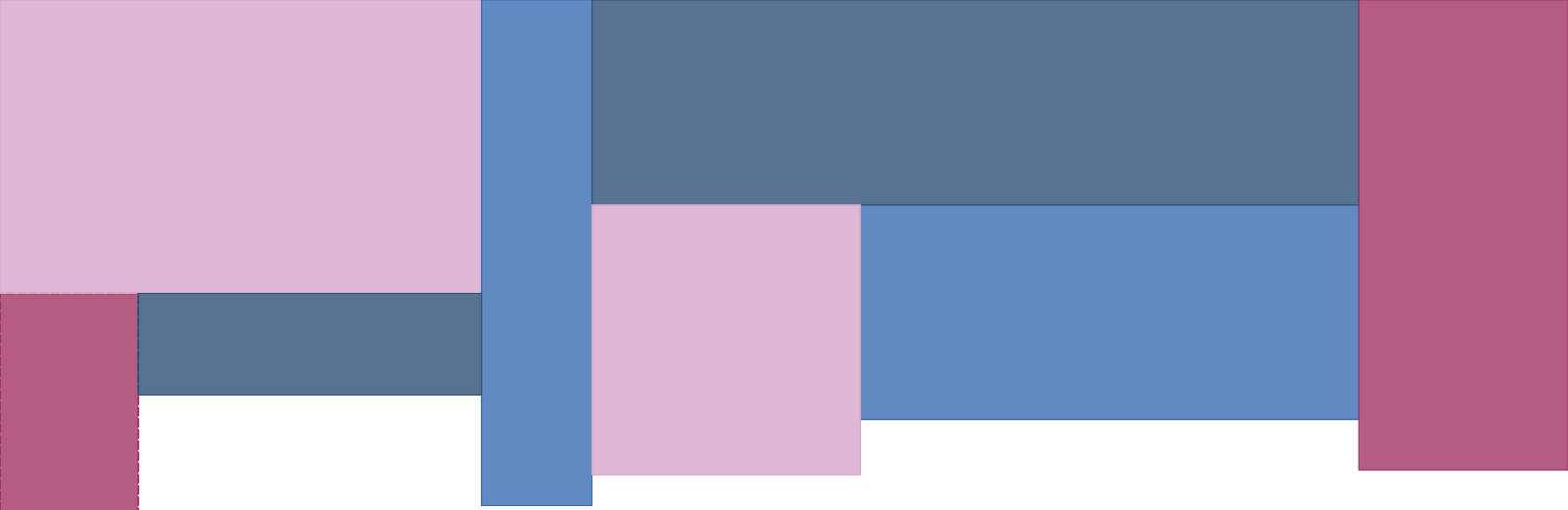
Instituto Promundo

Rua México, 31 – 1502 – Centro

Rio de Janeiro – RJ

CEP: 20031-904

Tel.: (21) 25443114



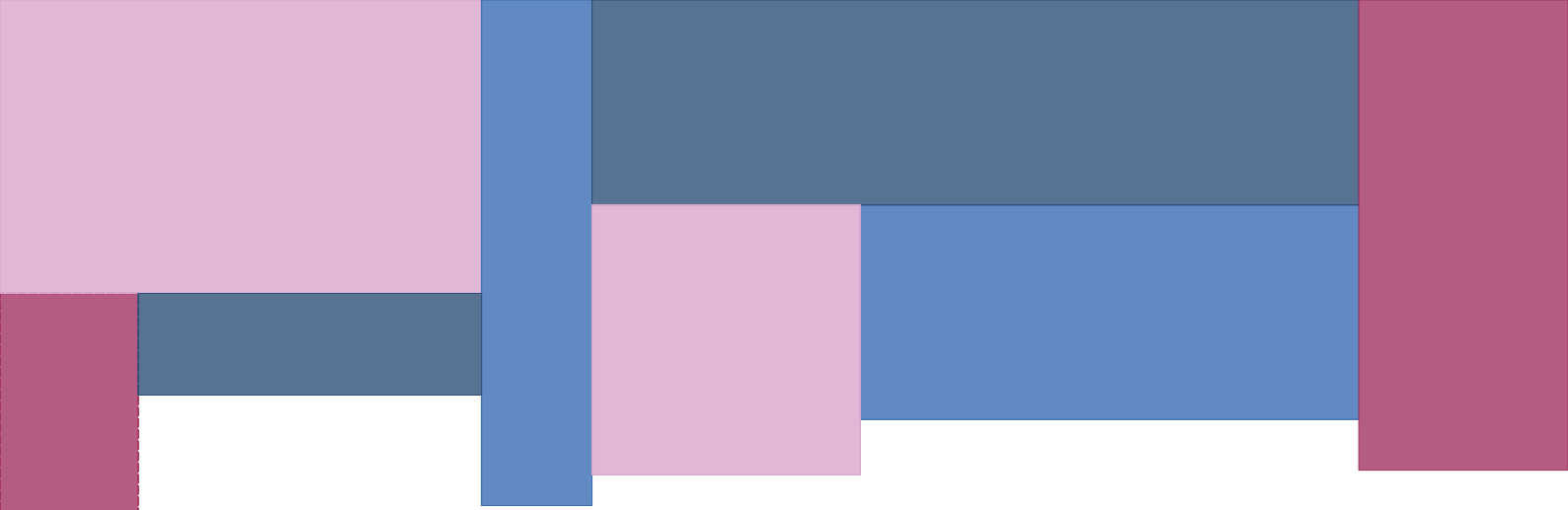
Objetivo

O projeto de pesquisa “Acesso da população LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) moradora de Favelas aos serviços de saúde” visa compreender as dificuldades e as formas de acesso da população LGBT, moradora da favela do Complexo da Maré, aos serviços e unidades de saúde, tendo como preocupação específica a articulação entre as questões relacionadas à vivência LGBT no acesso à saúde e a situação de residência em uma grande favela da cidade do Rio de Janeiro.

Este informe é uma síntese do relatório final da pesquisa (disponível em www.promundo.org.br/relatorios) e traz alguns dos dados levantados durante este processo e também recomendações que visam contribuir para reflexões sobre o atendimento e acolhimento da população LGBT nas unidades de saúde e também para a formação em serviço do/a profissional de saúde.

Parceria: Promundo e Conexão G

Apoio: Gerência de DST/Aids, Sangue e Hemoderivados/SESDEC/RJ

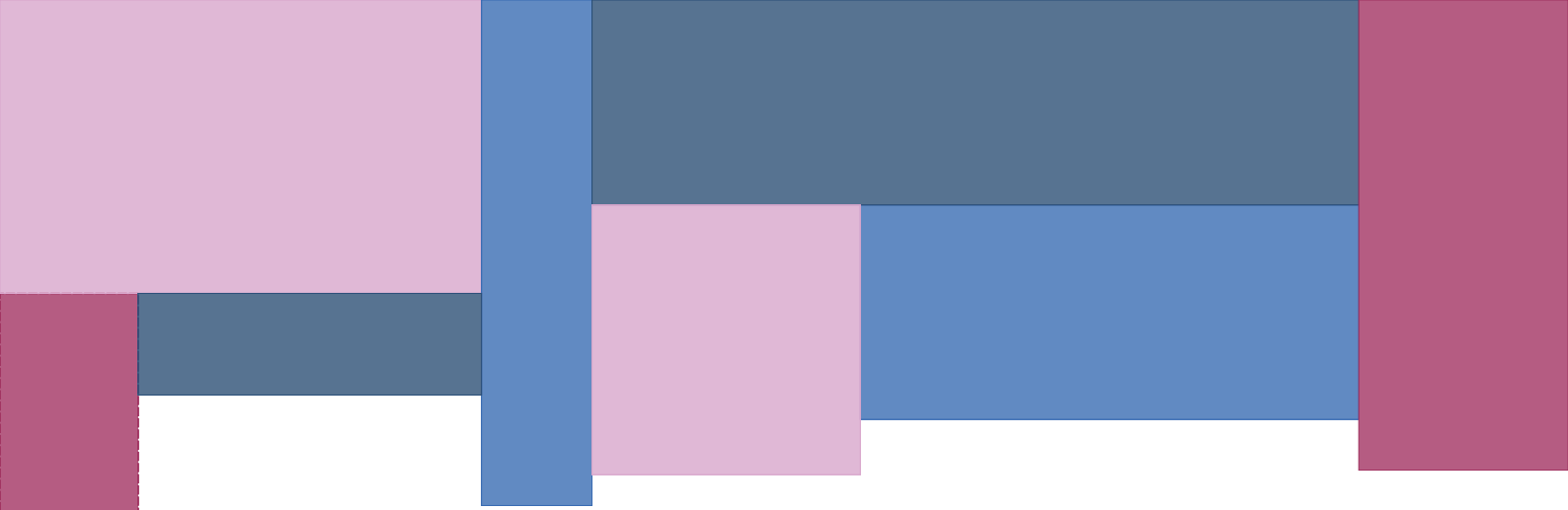


Metodologia de Trabalho e Resultados

Para a identificação e análise de demandas e desafios relacionados ao acesso da população LGBT a unidades, serviços e ações em saúde, a pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes etapas: levantamento bibliográfico sobre o tema, procurando reconhecer as especificidades das lutas e demandas de cada grupo por meio da produção acadêmica e de documentos produzidos pelo governo sobre o tema; utilização da técnica de grupos focais para coleta de dados com grupos LGBT residentes na Maré;

e, por fim, levantamento de percepções e opiniões de profissionais de saúde em um seminário voltado, principalmente, para este público.

Intitulado “Entraves, avanços e caminhos no direito à saúde da população LGBT”, o seminário foi realizado no dia 08 de outubro de 2013, no auditório da Fundação Ataulpho de Paiva, e contou com a participação de 33 pessoas, entre profissionais de saúde (gestores e profissionais vinculados a Unidades Básicas de Saúde),

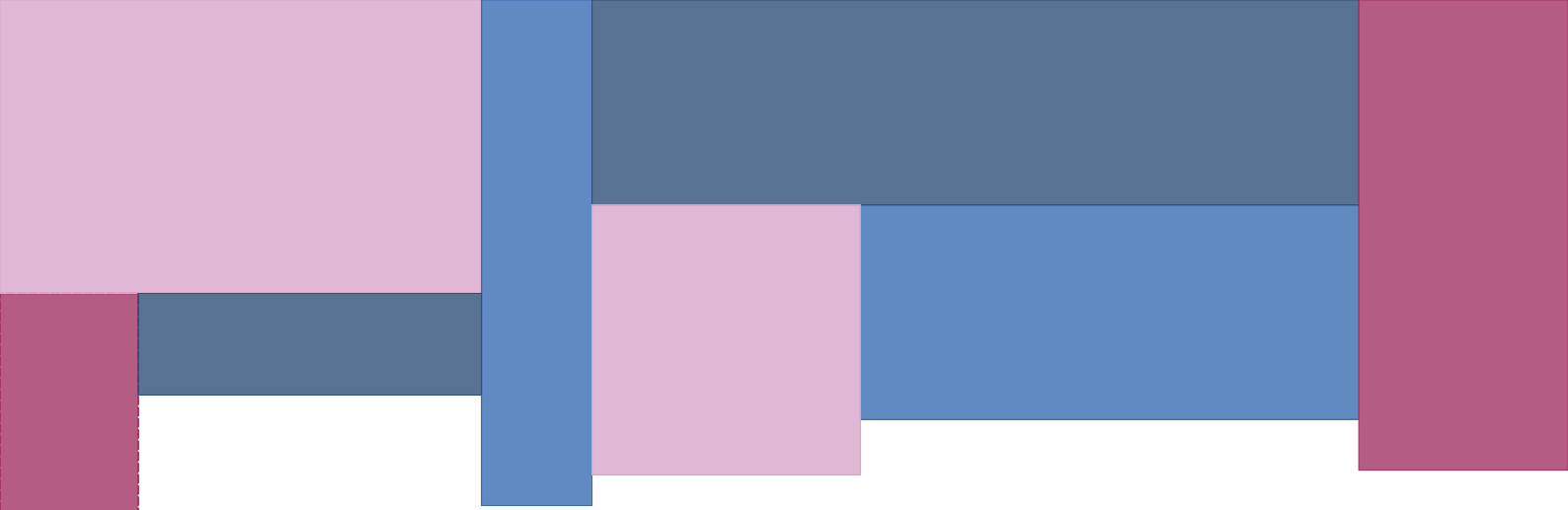


Metodologia de Trabalho e Resultados

representantes de grupos comunitários e de grupos LGBT e pesquisadores que se inscreveram espontaneamente após divulgação de convite por e-mails e redes sociais. No seminário, um debate preponderante esteve relacionado às lacunas na formação – tanto inicial quanto em serviço – dos/as profissionais no que diz respeito às especificidades em saúde da população LGBT, o que resulta no silenciamento ou em pressuposições sobre a orientação sexual/identidade de gênero durante o atendimento.

Os resultados indicaram que as condições de saúde da população LGBT, especialmente no caso da população LGBT moradora de favelas, são afetadas por desigualdades no acesso a programas e serviços e a violências estruturais, desconhecimento das especificidades em saúde desta população e pouca confiabilidade no serviço oferecido devido a casos anteriores de falhas no sigilo do atendimento e/ou discriminação.

Ressaltamos a percepção de nossos/as entrevistados/as de que

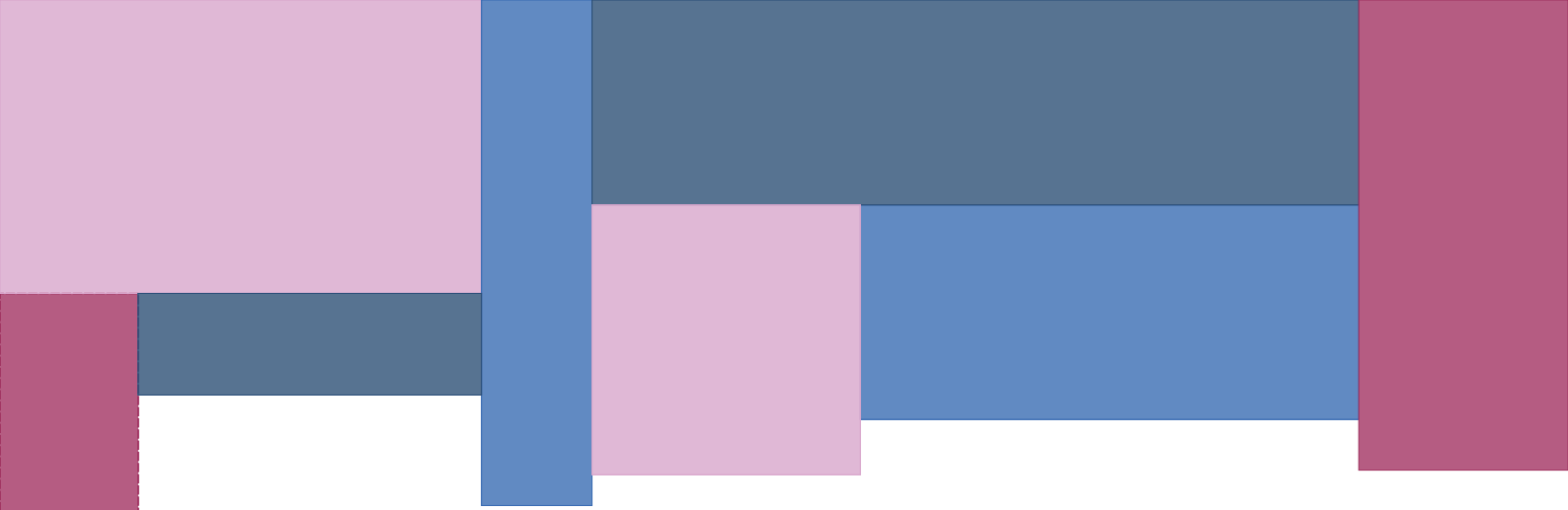


Metodologia de Trabalho e Resultados

lésbicas, gays e travestis mais jovens têm menos condições para responder às discriminações sofridas e o fato de o preconceito por ser morador/a de favela se sobrepor a outros preconceitos enfrentados por esta população, como a ainda constante associação entre homossexualidade e Aids, que se revela em diversos momentos do atendimento em saúde. Por outro lado, uma questão que causou muitas queixas e debates, tanto entre a população LGBT consultada quanto entre os/as profissionais de saúde, está relacionada a

falhas na confidencialidade do atendimento nas unidades de saúde, principalmente em momentos de realização ou entrega de resultados de exames anti-HIV.

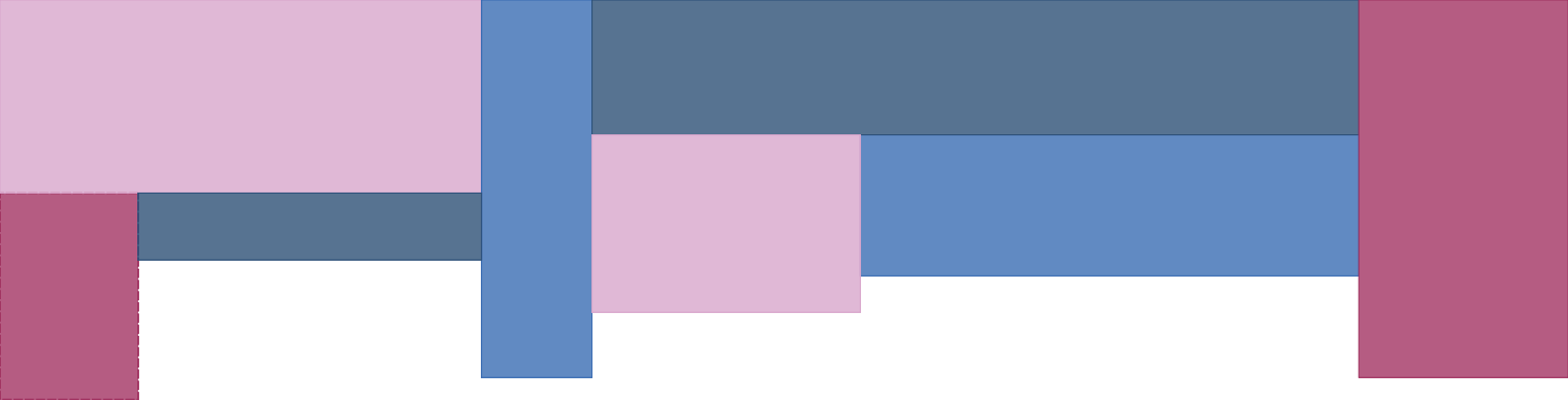
Outra lacuna, para a qual apenas recentemente se tem atentado, verifica-se na produção de conhecimento na área de saúde da população LGBT em outros temas que não os ligados à vulnerabilidade ao HIV/Aids.



Metodologia de Trabalho e Resultados

Algumas Falas

- " De vez em quando, você repara no descaso das pessoas [...] com os homossexuais. Já olham achando que é doença ruim..."
- " Defendo unicidade no tratamento em geral, porque todo mundo tem comportamento de risco. "
- " Somos como todos. Eles [os profissionais de saúde] precisam ser mais informados sobre os travestis, como querem ser tratados. Queremos ser tratados como iguais. "



Pesquisa na II Parada do Orgulho LGBT da Maré

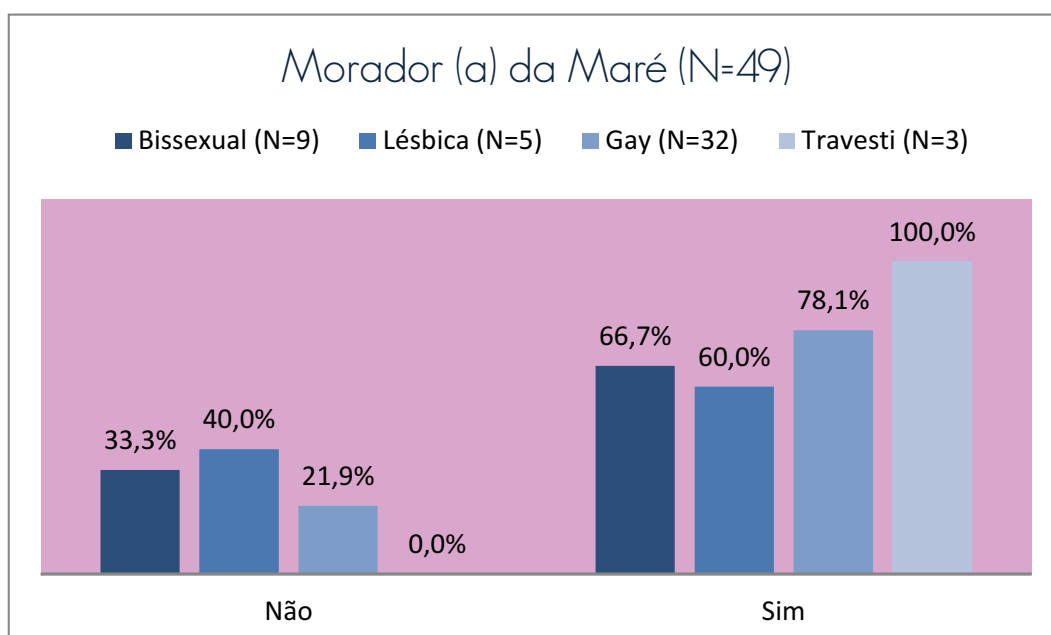
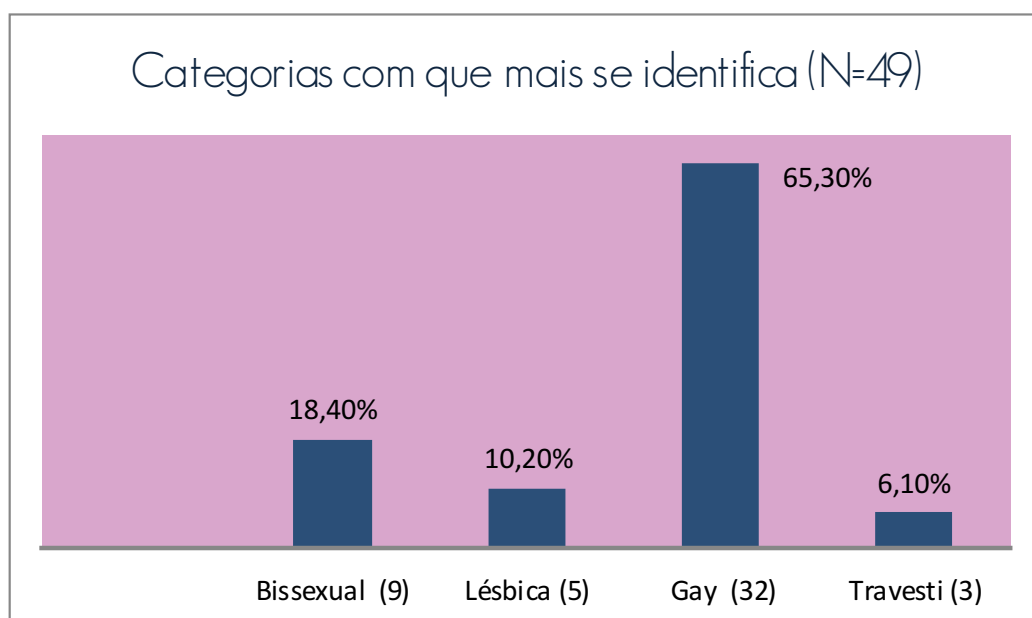
Outra etapa do projeto foi a pesquisa realizada com a população LGBT na II Parada do Orgulho LGBT da Maré, organizada pelo Grupo Conexão G no dia 1º de setembro. A coleta de dados foi feita através de um questionário com 30 perguntas e envolveu 49 pessoas que se declararam lésbicas, gays, bissexuais ou travestis e moradoras de comunidades, abordadas durante a Feira de Saúde, evento integrado à II Parada do Orgulho LGBT da Maré, e que antecedeu a Parada propriamente dita.

Os/as respondentes apontaram como problemas existentes no atendimento em saúde: a falta de sigilo; a existência de muito pre-

conceito; a falta de respeito; e falta de ações de promoção da saúde. As recomendações para as unidades foram:

- “Ir mais pra rua. Saber abordar. Tem gay que não é assumido”;
- “Mais material informativo sobre prevenção de doenças, mais palestras sobre o assunto na comunidade (mais palestra para todos)”;
- “Atender direito, ser gentil”;
- “Ter outros exames periódicos”;
- “Mais investimento em saúde e educação. Apoio social como o Conexão G”;
- “Mais respeito e serviços públicos para LGBT”;
- “Mais médicos que vão às casas”.

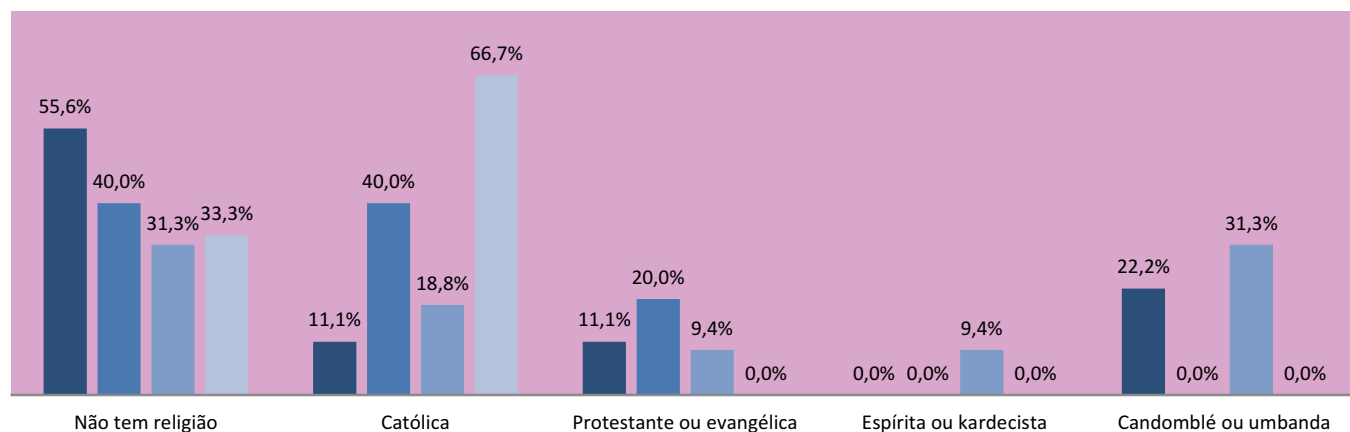
Dados da Pesquisa na II Parada do Orgulho LGBT da Maré



Dados da Pesquisa na II Parada do Orgulho LGBT da Maré

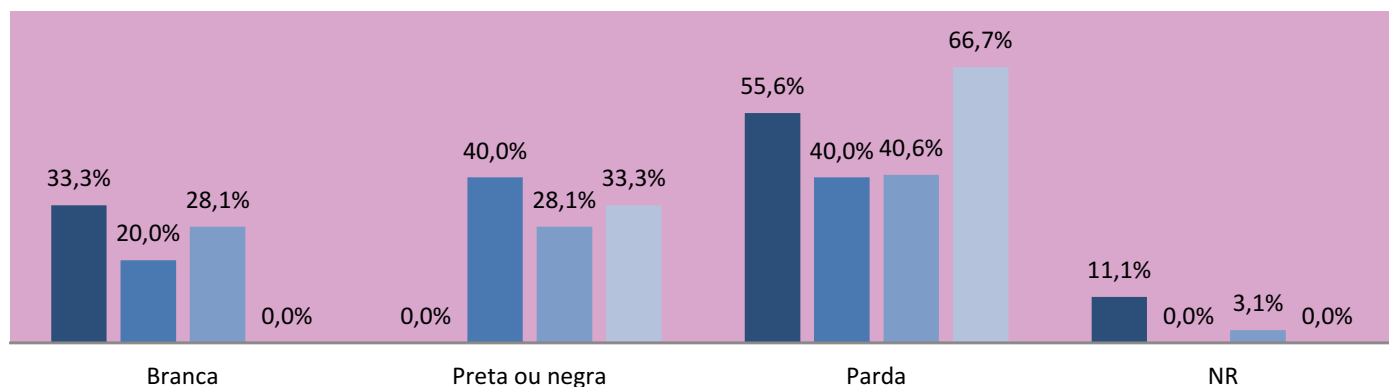
Religião (N=49)

■ Bissexual (N=9) ■ Lésbica (N=5) ■ Gay (N=32) ■ Travesti (N=3)



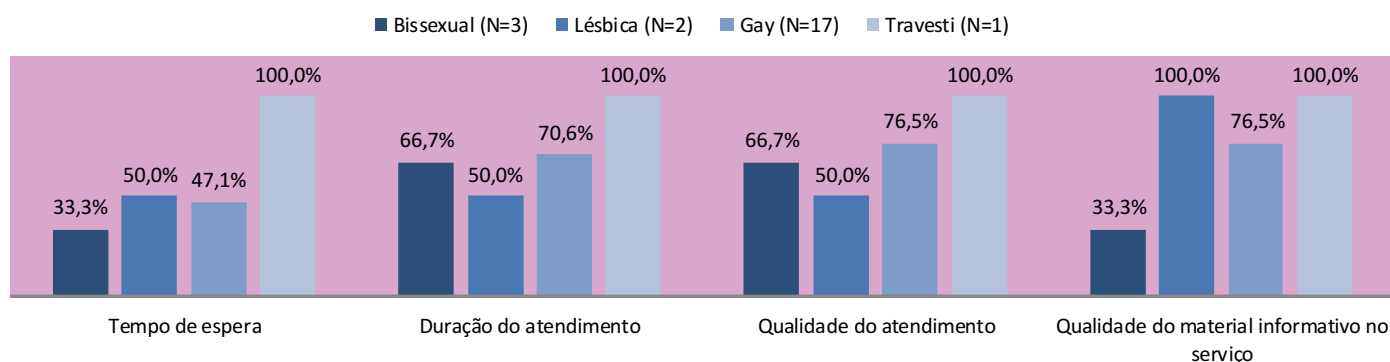
Cor ou Raça (N=49)

■ Bissexual (N=9) ■ Lésbica (N=5) ■ Gay (N=32) ■ Travesti (N=3)

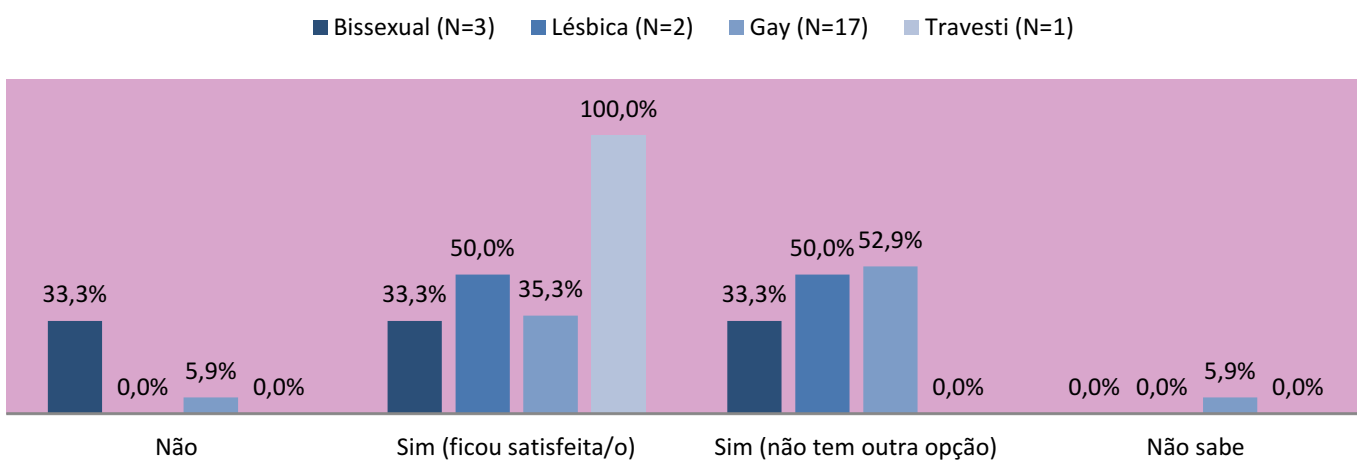


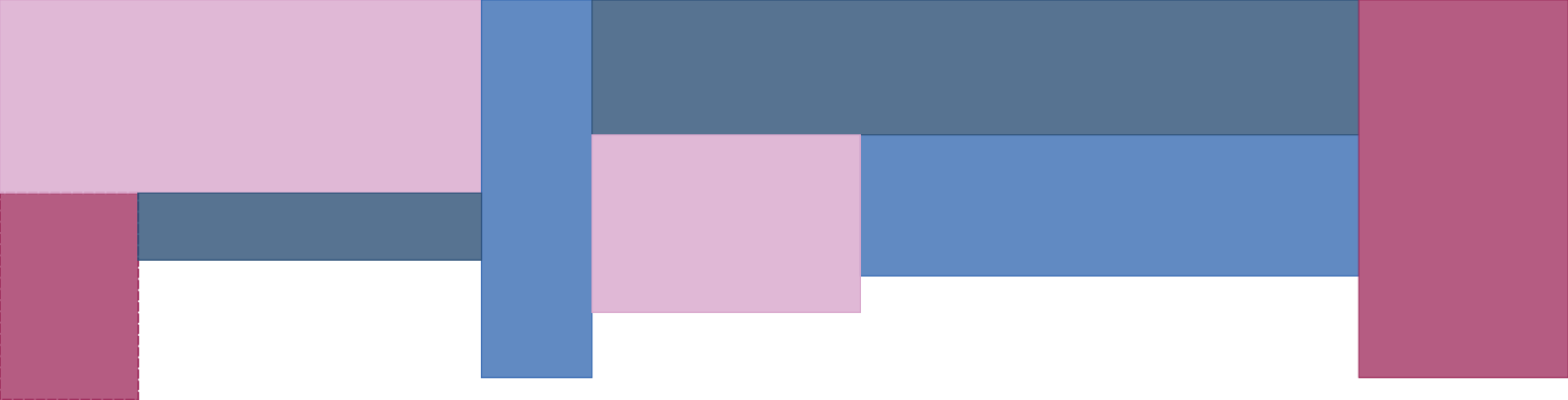
Dados da Pesquisa na II Parada do Orgulho LGBT da Maré

Análise Satisfatória dos Serviços de Saúde (N=23)



Utilizaria estes serviços de saúde de novo (N=23)





Outras recomendações da pesquisa¹

- Criar formas de autoavaliação da unidade de saúde para conhecer os serviços que são prestados ou não à população LGBT, os problemas e as práticas bem sucedidas;
- Capacitar profissionais quanto a questões ligadas à identidade de gênero/orientação sexual, contextualizando a discussão sobre a saúde da população LGBT com os conhecimentos já produzidos sobre gênero/sexualidade;
- Fazer cumprir a obrigação de todo profissional de saúde no que diz respeito ao sigilo no atendimento, instituindo formas de monitoramento do cumprimento ou não desta questão;
- Garantir que os/as profissionais conheçam e cumpram o direito dos/as usuários/as travestis e transexuais acerca do nome social;
- Os serviços de saúde também devem dar atenção aos problemas provenientes de agressão física e outros tipos de violência por que vive a população LGBT, principalmente moradora de favelas;
- Divulgar melhor os serviços já existentes nas unidades, com a elaboração de um material/campanha sobre o acesso da população LGBT às unidades de saúde, principalmente em áreas de favelas e com participação de atores locais.

¹Todas as recomendações estão disponíveis no relatório final da pesquisa em www.promundo.org.br/relatorios



Saúde LGBT e Territórios de Favelas

Como promover o diálogo entre profissionais de saúde e a população LGBT moradora de favelas para o entendimento das demandas e especificidades desta população? Na perspectiva do Grupo Conexão G, parceiro na realização desta pesquisa, uma proposta para o território da Maré seria a criação de um espaço de diálogo entre os diversos atores locais.

Neste sentido, a ideia é a formação de um Grupo de Trabalho integrando o próprio Conexão G, representantes de todas as unidades de saúde do Complexo de Favelas da Maré e outras organizações locais (principalmente as ligadas a ações em saúde e sexualidades, diversidade sexual e gênero, educação, cultura e trabalho e renda, além de representantes da



Saúde LGBT e Territórios de Favelas

população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Este espaço de articulação garantiria o aprofundamento da discussão sobre as especificidades da população LGBT Moradora de Favelas, a criação de uma agenda coletiva de trabalho, geraria subsídios para a criação de uma campanha sobre o respeito à diversidade sexual nas unidades de saúde locais, permitiria o

monitoramento e acompanhamento mais próximo das unidades quanto ao acolhimento da população LGBT e à execução das recomendações da pesquisa e possibilitaria mais articulação entre o Conexão G e as unidades básicas no encaminhamento das demandas da população LGBT usuária destas organizações e serviços.